



Texto e enunciado concreto: chegadas e partidas

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva¹ (UFBA)

Resumo:

Neste artigo, o objetivo é mostrar que o enunciado concreto proposto pela análise dialógica que emerge da obra de Bakhtin e seu Círculo não se confunde com o conceito de texto postulado pela Linguística Textual, embora o diálogo entre essas teorias seja produtivo, se levadas em consideração suas diferenças. As reflexões partem de um panorama da evolução do conceito de texto dentro da área que se convencionou chamar Linguística Textual; num segundo momento, mostro o embate entre essa evolução do conceito, que contemporaneamente quer abarcar postulados bakhtinianos, e a proposta metodológica para o estudo da língua que se depreende da obra dos pensadores russos.

Palavras-chave: texto, enunciado concreto, conceitos, embate.

Abstract:

My aim in this article is to show that the concrete utterance as proposed by the dialogic analysis emerging from the work of Bakhtin and his Circle is not to be confused with the concept of text advanced by Textual Linguistics, although the dialogue between these two theories may be productive if their differences are taken into account. The reflections arise from an overview of the development of the concept of text within the area conventionally known as Textual Linguistics. In a second moment, I show [discuss] the conflict between this conceptual development, which tends to incorporate Bakhtinian postulates, and the methodological approach to the study of language articulated in the Russian thinkers' work.

Keywords: text, concrete utterance, concepts, conflict.

:

Introdução

Em novembro de 2011, participei de meu primeiro congresso como professora de uma instituição da Bahia. O evento aconteceu em Uberlândia. Na ocasião, minha primeira ação na cidade visitada foi a busca por um centro de compras onde pudesse providenciar um casaco. Uberlândia estava em estado polar para quem saía de Salvador. Encontrei colegas paulistanos no evento, felizes pelos quentes e ensolarados dias daquele congresso. Como partimos de localizações diferentes, chegamos numa cidade que, para nós, não era a mesma.

Concretizou-se, para mim, uma ideia com a qual vinha pesquisando as diferentes concepções de texto que diferentes linhas teóricas postulam: não importa se essas linhas, atualmente, convergem para uma mesma “cidade”. O local de partida é diferente, e os sentidos que circulam na partida e na viagem definem o sentido que se constitui na chegada.

Diferentes teorias que operam com conceitos-chaves similares, por vezes, assistem a uma aproximação da concepção desses conceitos em determinados estágios de sua história. Esse fenômeno ocorre com o conceito de texto na Linguística Textual, que sofreu inúmeras elaborações desde a década de 1960, e o conceito de texto/enunciado concreto que se pode depreender da obra de Bakhtin e seus colaboradores.

Os limites entre as abordagens ficam nítidos quando um mesmo objeto estético é descrito à luz de uma ou outra teoria. O fragmento 128 da obra *Caracteres* [1688]¹, do francês Jean de Bruyère (1645-1696), é construído como objeto de análise em *A Linguística Textual*, de Jean Michel Adam, ao longo da obra. Adam (2008) estuda diversas textualizações do fragmento, tomando-o como base para reflexões sobre categorias de análise textual. A estrutura textual do fragmento é destrinchada diante dos olhos do leitor. O autor não traz, no entanto, nenhuma reflexão sobre os efeitos de sentido criados pelos aspectos sociais, históricos e ideológicos constituintes do objeto que analisa.

¹ As datas entre colchetes indicam a primeira edição da obra no original, e não correspondem às edições utilizadas para consulta neste artigo. Serão indicadas quando minhas reflexões levarem em conta explicitamente a esfera de criação dos enunciados.

Bakhtin (Volochinov) ², Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* [1929], primeira obra do pensador russo e de seus colaboradores traduzidas para o português (cf. Silva, 2010), menciona a mesma obra de Bruyère ao tecer complexas considerações sobre os sentidos criados pelo uso do discurso indireto livre em francês. Embora Bakhtin (Volochinov) não apresente a seu leitor análise da materialidade linguística de trechos de *Caracteres*, as reflexões do autor russo põem em diálogo o uso de uma estrutura sintática (discurso indireto livre) com a quebra de uma tradição histórica e ideológica de despersonalização do enunciador na transmissão do discurso das personagens.

As diferentes abordagens de Adam (2008) e Bakhtin (Volochinov) em relação a um mesmo objeto estético são emblemáticas da questão central que será discutida neste artigo: o conceito de texto varia nas muitas teorias que o tem como objeto de estudo porque parte de lugares diferentes. Por isso, pesquisadores que acionam mais de uma teoria em suas análises devem ter em mente os limites e possibilidades de cada uma delas. O objetivo destas reflexões é mostrar que o enunciado concreto proposto pela análise dialógica que emerge da obra de Bakhtin e seu Círculo não se confunde com o conceito de texto postulado pela Linguística Textual, embora o diálogo entre essas teorias seja produtivo, se levadas em consideração suas diferenças.

Assim, nestas reflexões sobre conceitos, questões e fronteiras relativas aos conceitos de texto e enunciado concreto, proponho a seguinte trilha: 1) uma confortável passagem pelo já sólido terreno da História da Linguística, com ênfase no estabelecimento de seu objeto e destaque para noções advindas dos estudos de Saussure e Benveniste; 2) um adentramento nas escorregadias veredas da linha que se passou a denominar Linguística textual, com ênfase nas diferentes fases de sua afirmação como campo de estudos e nas implicações desse percurso para a definição do conceito de texto; 3) uma retomada de fôlego na clareira de algumas proposições de pesquisadores brasileiros como Koch e Marcurschi, cujas pesquisas de longa data fornecem a estudiosos ótimas referências sobre o atual estado da arte nesse campo e 4) a indicação, a partir dessa clareira, da constituição do conceito de texto/enunciado concreto na teoria dialógica que emerge da obra Bakhtin e seu círculo

² Adoto a forma de menção ao autor de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* conforme indicação na edição por nós utilizada. Faço referência a essa assinatura, Bakhtin (Volochinov), no singular, entendendo que se trata de uma entidade autoral única, independentemente das muitas discussões sobre a atribuição empírica da autoria a um ou outro sujeito.

1. Diferentes olhares em busca de um objeto: a consolidação da ciência linguística e a exclusão do texto de seu domínio

O marco da fundação de uma ciência linguística, tal como a concebemos hoje, é a publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* de Saussure. Esse evento, evidentemente, não é o primeiro elo numa cadeia discursiva: responde, entre outros, aos estudos comparativos do séc. XIX (com expoentes como Bopp³, Grimm⁴ e Scheleicher⁵) que, por sua vez, entram num embate discursivo com uma tendência subjetivista cujo principal representante foi Humboldt, para quem a linguagem só poderia ser estudada como uma atividade que emana do pensamento humano, isto é, como criação dos falantes e não um produto pronto, acabado. (cf. CÂMARA JR, s/d)

Para Mattoso Câmara (s/d: 39) até o séc. XVIII podemos falar não de Linguística, mas de uma gramática geral baseada em premissas lógicas. O estudioso ressalta a existência dos importantes estudos pré-linguísticos e paralinguísticos antes do séc. XIX.

Historicamente, segundo Mattoso Câmara, o interesse dos homens pelas questões da linguagem decorre de vários fatores, dentre os quais destaco: a) A invenção da escrita e a consequente tomada de contato de uma geração com textos de gerações precedentes, o que desencadeia a pesquisa filológica; b) A evolução das sociedades em modelos hierarquizados, o que faz com que exista, na língua, uma possibilidade de identificação de membros de uma mesma classe – que falam “certo” e de exclusão dos demais – os que falam “errado”; c) Os contatos entre civilizações diferentes, que desencadeiam o interesse pelo estudo de línguas estrangeiras e d) Os estudos filosóficos e lógicos da linguagem, que, grosso modo, evoluem num embate sobre linguagem como espelho da realidade ou como desvio dessa realidade e criação dos homens.

Não é meu objetivo retomar toda a discussão filosófica sobre a linguagem, dos gregos até nossos dias. Quero, contudo, ressaltar como o pensamento aristotélico, que faz emergir a noção de linguagem associada à lógica, influencia o pensamento científico de Saussure. A ciência aristotélica da linguagem, que tem em seu cerne a busca e a descrição

³ Estudo comparativo dos verbos no sânscrito, latim, grego, persa e línguas germânicas- estudo referente a bases linguísticas, não a premissas filosóficas.

⁴ Primeiro linguista a realizar um estudo sistemático da mudança fonética (Gramática germânica).

⁵ Autodenominava-se um *glottiker*, linguista. Para ele, a filologia era uma ciência histórica e a Linguística deveria ser uma ciência natural.

de regras gerais para o – bom - uso da língua, está presente na cadeia discursiva que propomos investigar para individualizar algumas concepções do conceito de texto e aquela de enunciado concreto.

Passo, assim, à reflexão sobre alguns aspectos do marco da Linguística moderna, o Curso de Linguística Geral de F. de Saussure, organizado por Bally e Sechehaye e publicado em 1916 após a morte do mestre de Genebra.

Saussure postula que uma das tarefas da Linguística é definir seu próprio objeto. Para isso, propõe a célebre distinção entre a língua, que é um sistema, e a fala, que é a apropriação desse sistema pelos indivíduos. No curso, postula que a língua é a linguagem menos a fala. Saussure, com impressionante rigor científico, delimita um objeto e funda a ciência da língua. Interessam a essa ciência as relações entre as partes de uma estrutura e o valor que a essas partes é conferido por essa organização.

No artigo Os níveis de análise linguística ([1962] 1995b), Benveniste retoma algumas proposições de Saussure, de quem foi grande admirador. Seu objetivo é evidenciar as fronteiras da Linguística como ciência da “da língua”, para, então, posicionar-se em relação a essas fronteiras e conferir ao texto o estatuto de campo de investigações para sua teoria da enunciação.

Benveniste aponta a capacidade de compor níveis superiores ou de decompor-se em níveis inferiores como característica dos níveis de análise linguística. Estabelece para esse domínio linguístico fronteiras do merisma, num extremo, e da frase, no outro.

Na fronteira “sul”, assim, teríamos o nível dos traços distintivos dos fonemas, ou nível merismático, como o primeiro a superar a esfera do infralinguístico. Um fonema pode ser segmentado em traços distintivos, como seu caráter surdo ou sonoro, fricativo ou oclusivo. Esses traços ou merismas combinam-se para compor fonemas, mas não podem ser decompostos (ao menos, como lembra Benveniste, sem o auxílio da tecnologia de um laboratório).

Acima dos merismas e resultantes de uma combinação desses traços, há os fonemas, que se combinam na composição de signos. Os signos, por sua vez, não só decompõem-se em fonemas, mas integram um nível superior, o da frase.

O nível da frase é o limite da linguística, tal como Saussure a propõe, porque não se pode dizer que uma frase compõe textos ou discursos sem se estabelecer uma relação que diga respeito ao domínio da fala, que Saussure excluiu dos estudos linguísticos.

Benveniste não dissocia inteiramente o discurso ou enunciado do ato de produzi-lo. Como mostra no artigo *O aparelho formal da enunciação*, ([1970], 1995), ao se apropriar de um sistema da língua e colocá-lo em uso, um falante se instaura na e pela linguagem e estabelece uma relação de intersubjetividade com um “tu”, também por ele instaurado. Dessa maneira, a filiação dos estudos enunciativos a uma ciência aristotélica, galileana, que busca regras universais, mostra-se inoperante, porque as condições de tempo, espaço e pessoa de cada enunciado referem características próprias de uma enunciação. Ainda que Benveniste marque a divisão entre enunciação como ato e enunciado como produto, reconhece que há, no texto, “pistas” desse ato. Entra em cena, portanto, um objeto que começa a dizer respeito ao único, ao irrepetível.

Os níveis e fronteiras que a teoria da enunciação de Benveniste evidencia interessam a estas reflexões por demarcarem algumas características do enunciado com as quais a certas correntes da Linguística de texto estabelecem diálogos, como exporei a seguir.

2. Linguística textual: alguns momentos da constituição de um objeto

Um objeto de conceituação escorregadia como é o texto tem a história de sua definição acompanhada pela própria definição de um campo que, de forma semelhante ao objeto, é arredo a enquadramentos. Muitas são as linhas do que hoje se convencionou chamar Linguística textual. Ainda se discute se esse campo é subordinado à Linguística como ciência ou se já tem, como a Fonética ou a Fonologia, um estatuto de campo do saber autônomo. (cf. FÁVERO; KOCH, 2008; KOCH, 2009; BENTES, 2001)

É possível, apesar desse quadro, destacar algumas tendências nos estudos linguísticos do texto, sem que se consiga, contudo, delinear uma cronologia absoluta do suceder de tais tendências, as quais mostram que o campo dos estudos do texto modifica-se à medida que o se amplia seu objeto de análise (cf. BENTES, 2001). Como define Marcuschi (2007) a partir do estudo da obra de Herbert Clark, há no desenvolvimento dos estudos do texto, desde a década de 1960 do século passado, duas tradições, a do produto e da ação:

Até os anos 60 dominava a tradição estruturalista e descritiva tributária de um ideal de ciência positivista que progressivamente foi perdendo sua

consistência inclusive em áreas como a Física e a Química, tradicionalmente as mais resistentes.

A tradição do produto é representada em especial pelo gerativismo, pelos estruturalismos e pelos diversos tipos de formalismo que se ocupam de analisar a língua enquanto produto com fonologia, morfologia, sintaxe e semântica bem estabelecidas. É a perspectiva da significação dos enunciados baseada no conhecimento da língua. [...]

A tradição da ação, inaugurada em especial por Austin e continuada por Searle, Grice e os pragmaticistas, analistas da conversação, etnometodólogos, analistas do discurso, busca ver o funcionamento da língua em vários níveis de ação: não nega a existência e importância dos níveis estritamente linguísticos mencionados, mas frisa a relevância de todos os demais níveis, tais como o da enunciação, modalidade, cognição, situacionalidade e assim por diante. Nesta tradição, o aspecto enunciativo e a significação são mais básicos do que a estrutura em si. (2007:106-107)

O termo Linguística textual é pela primeira vez empregado pelo alemão Weinrich, em 1966. (BENTES, 2001; KOCH, 1989, 2002, 2009; KOCH, BENTES e CAVALVANTE, 2008, FÁVERO e KOCH 2008; MARCUSCHI, 1983). Numa primeira fase, o texto é visto, ao contrário do que propusera Benveniste, como uma ampliação quantitativa da frase e pode constituir o nível mais alto de análise linguística com a condição de que se faça um estudo transfrástico. Propõe-se, portanto, uma adaptação dos estudos da frase para os estudos do texto, como se esses dois objetos tivessem mesma natureza epistêmica e fossem diferenciados por uma escala quantitativa. Destacam-se nesse momento os estudos de Harweg (1968) e Isenberg (1970) (cf. BENTES, 2001).

Outro movimento que integra a primeira fase da história da linguística textual é a tendência de elaboração de gramáticas textuais, na esteira da divulgação dos estudos de Chomsky. Nessa fase, embora o texto ganhe *status* de objeto da Linguística, ainda é visto como dado do sistema abstrato da língua. Procuram-se as regras universais da constituição dos textos, nos mesmos moldes que a Gramática Gerativa propunha os universais linguísticos para o sistema da língua. Destaca-se dentre as primeiras gramáticas textuais, segundo Koch (2009), a *Gramática Textual de Língua Francesa*, de Harald Weinrich, fruto de anos de pesquisa, que ganha sua primeira publicação em 1982.

A busca por princípios e parâmetros universais efetuada pelos estudiosos das gramáticas de texto inclui a noção de competência textual que todos os falantes deveriam ter, isto é, deveriam ser capazes de produzir, reformular e perceber os diferentes tipos de textos (cf. BENTES, 2001). O falante, contudo, é indicado como uma entidade abstrata. Não

se faz, nesse momento, referência ao que existe de único em cada enunciado concreto, ou às propriedades do texto que são inalienáveis da interação verbal e à posição ética e estética do homem no mundo.

Um passo importante em direção à atual fase interacionista dos estudos do texto é o momento identificado por Koch como “virada pragmática”, em que o conceito do texto é expandido e passa a sofrer influência de teorias que centram suas preocupações na questão enunciativa, como a teoria dos Atos de Fala e Teoria da Atividade Verbal (cf. KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008 e KOCH, 2009).

Nesse período marcado pela pragmática, o texto não é mais uma unidade do sistema abstrato da língua e constitui uma unidade de comunicação humana. Dentre muitos autores que se destacam nessa fase, Koch (2009) lembra van Dijk, cujos primeiros trabalhos pertencem à fase das gramáticas textuais visando um foco nos estudos semânticos. Para a autora, “van Dijk, especialmente no início da década de 80, é um dos grandes responsáveis pela virada pragmática” e é “um dos grandes pioneiros da introdução de questões da ordem cognitiva no estudo da produção, da compreensão e do funcionamento dos textos’ (2009:18-19).

Apresentei, até este momento, a seguinte evolução do conceito de texto: uma unidade linguística maior do que a frase, mas sujeita às mesmas leis da língua como sistema, até meados da década de 70; em seguida, uma unidade linguística superior, que deveria ser estudada pelas gramáticas textuais, por meio de regras universais e sistemáticas; uma unidade de comunicação, a partir do início da década de 80, quando a Linguística do texto passa a estabelecer relações mais estreitas com outros campos, como a Psicologia da Atividade e a Filosofia da Linguagem da escola de Oxford (cf. KOCH, 2009).

A tendência pragmática marca, com os estudos de Van Dijk sobre macroestruturas semânticas e pragmáticas, o estudo das relações da coerência textual com *crenças, desejos, preferências e valores dos interlocutores* (cf. KOCH, 2009). Também Charolles contribui, em diversos estudos, para que a noção de coerência textual não prescindia da relação pragmática entre interlocutores e seu conhecimento em comum sobre o mundo. Em “Introdução aos problemas da coerência dos textos”, publicado em 1978, o autor mostra como professores das primeiras séries do ensino fundamental da França podem atribuir sentidos a textos produzidos por seus alunos por aliarem as informações advindas das produções escritas com o conhecimento que têm sobre vida dos alunos. Assim, Charolles

apresenta suas consagradas metarregras de produção textual (repetição, progressão, não contradição e relação) não como categorias aplicáveis apenas à materialidade linguística do texto, mas como noções que emergem de uma postura colaborativa ente interlocutores. (cf. CHAROLLES [1978] 1988). Como apontam Bentes e Leite (2010), Charolles constrói a coerência como um princípio de interpretabilidade e marca uma concepção de texto como realidade incompleta que só é finalizada na recepção.

Essa tendência é a pauta do momento identificado por Koch (2009) como “a virada cognitivista”, quando os processos mentais dos parceiros discursivos ganham destaque como desencadeadores das operações cognitivas que geram o texto.

Novamente Van Dijk, um dos responsáveis pela virada pragmática já mencionada, exerce papel central na construção da concepção de texto que marca o período cognitivista. Seus estudos com Kintsch apontam para estratégias cognitivas dos interlocutores como centrais para o processamento de textos. Na esfera de recepção, todo o conhecimento sobre o mundo é mobilizado no processo de estabelecimento de sentido dos textos:

Assim, os processamentos estratégicos dependem não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, quer se trate de conhecimento de tipo episódico, quer do conhecimento mais geral e abstrato, representado na memória semântica ou enciclopédica. Isto é, as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento. (KOCH, 2009:26)

Os estudos de Beaugrande e Dressler, que exercem até hoje enorme influência no campo da Linguística Textual, são emblemáticos desse período. Em *Introduction to Text Linguistics*, os autores iniciam suas considerações com a apresentação de seis exemplos de produção escrita que se diferenciam muito um do outro em vários aspectos: do “domínio público”, escolhem uma placa de trânsito e uma quadrinha infantil (algo que se poderia aproximar de nosso “batatinha quando nasce”...); da mídia impressa, elegem um artigo da revista *Time* e um artigo de divulgação científica; selecionam, ainda, um diálogo entre dois personagens de um livro infantil e um poema de Elisabeth Jennings.

Os autores usam esses exemplos inseridos logo nas primeiras páginas da obra para construir um conceito de texto que dê conta de abarcar a diversidade tipológica do objeto de estudo de seu interesse, para o qual apresentam a seguinte definição: “Um texto será

definido como uma ocorrência comunicativa em que há sete padrões/critérios de Textualidade. Se qualquer desses padrões não for satisfeito, o texto não será comunicativo.⁶ (BEAUGRANDE; DRESSLER, [1981- edição em língua inglesa]1990: 3).

Os sete critérios de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler exerceram e exercem grande influência no campo dos estudos do texto e na própria concepção do conceito que é central nessas minhas reflexões. Para os autores, os princípios de coerência e coesão são centrados no texto, enquanto os outros cinco princípios (situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade) relacionam-se à situação de comunicação. A reflexão sobre cada um desses fatores extrapola meus objetivos nestas linhas, mas cumpre ressaltar que a proposta de Beaugrande e Dressler vem sendo discutida por estudiosos que já se baseiam numa concepção ainda mais ampla de texto. A idéia de que a coerência é apenas um dentre diversos critérios de textualidade foi substituída pela noção de que todos os critérios convergem para a construção da coerência. Por esse motivo, não faz mais sentido apontar critérios centrados apenas no texto (cf. KOCH, 2009).

O momento que se segue à virada cognitivista na história da definição do texto e da Linguística textual é, segundo Koch (2009) marcado pelo interacionismo e pelo sociocognitivismo.

De *persona non grata* nos estudos da linguística como ciência "hard", aristotélica, o texto vai se insinuando aos pesquisadores como manifestação digna de ter para si uma linguística. No desenvolvimento desse conceito interagem diversas concepções de língua, de sujeito e de mundo. Se nas primeiras aventuras da fase transfrástica o contexto limitava-se ao texto que estava por perto, ou ao cotexto, hoje, partindo-se de uma concepção bakhtiniana de linguagem e de enunciado concreto não é possível pautar-se por uma separação entre contexto sócio-histórico-cultural e texto.

Apresento, a seguir, breves considerações sobre algumas propostas de pesquisadores brasileiros neste momento da Linguística textual, que corresponde a um amadurecimento do conceito de texto com consequentes reformulações de noções-chave, como a referenciação.

⁶ Tradução minha para o original em inglês: "a text will be defined as a communicative occurrence which meets seven standards of TEXTUALITY. If any of these standards is not considered to have been satisfied, the text will not be communicative. Hence, non communicative texts are treated as non-texts".

3. A virada dialógica: conceito de texto como lugar de interação nas pesquisas brasileiras do séc. XXI.

Os últimos anos dos estudos do texto no Brasil têm sido marcados por uma perspectiva sociocognitivo-interacionista. Dentre as muitas áreas que têm contribuído para as redefinições e ampliações do conceito de texto, a teoria dialógica que emerge da obra de Bakhtin e seu Círculo parece ocupar um lugar de destaque. Para Koch e Elias (2010), a concepção dialógica da língua torna o texto o lugar da interação de sujeitos constituídos social, cultural e historicamente. Essa ampliação do conceito de texto fica clara em Bentes, Ramos e Alves Filho (2010):

[...] os principais teóricos brasileiros no campo dos estudos do texto assumem em suas elaborações do conceito de texto que este é um *locus* de convergências de ações humanas de natureza multissemiótica, interativa e social. Essas definições possibilitam a compreensão do texto como um objeto de estudo que apresenta uma natureza plástica e com fronteiras maleáveis, histórica e socialmente delimitadas. (p.392)

A ampliação do sentido de texto implica novas considerações sobre um conceito afim: o de gênero. Em diversas pesquisas, propõe-se a expansão da ideia de gênero como uma mera tipologia do texto, algo que possa engessar as produções escritas em categorias estanques. A distinção entre Gênero textual e discursivo nem sempre é clara, porque muitos são os conceitos de discurso e textos em diferentes perspectivas teóricas. Se, contudo, entendermos texto como lugar da interação entre sujeitos sociais, históricos e culturais, que respondem a uma tradição de outros enunciados que mantêm com ele semelhanças quanto à forma, tema e estilo, como vem marcando Koch podemos pensar numa aproximação entre os conceitos. Usá-los como sinônimo, sem reflexão, porém, significaria apagar as relações dialógicas desses termos com sua própria tradição.

Marcuschi mostra em *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* como “está na moda” o estudo dos gêneros textuais/discursivos. O autor remete aos estudos de Platão e Aristóteles para indicar que o conceito de gênero não é novo, mas modificou-se com a evolução dos estudos da linguagem e do texto. Dentre as linhas apontadas por Marcuschi como importantes desdobramentos do estudo dos textos e dos gêneros no Brasil, destaco as seguintes:

1. Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP. [...]
4. Uma quarta perspectiva [...] mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB.

O autor ainda acrescenta:

[...] Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa. Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção da linguagem. (MARCUSCHI, 2010: p. 152)

Entendo, com Marcurschi, que a teoria bakhtiniana possibilita um trabalho de reflexão sobre os textos nas diversas perspectivas teórico-metodológicas, bem como abre possibilidades de um trabalho de fôlego com enunciados caracterizados pela hipertextualidade, já que o dialogismo contempla a criação de sentido(s) pela imbricação de conteúdo, forma, material, a autor-criador e contemplador. É, portanto, uma teoria que se presta à análise de enunciados pautados pela não linearidade, pelo suporte digital e pela grande força autoral dos leitores. Não concordo, por motivos que exporei na última seção deste artigo, com a afirmação de que Bakhtin fornece apenas “subsídios teóricos de ordem macroanalítica”.

A seguir, apresentarei brevemente algumas reflexões sobre a concepção bakhtiniana de texto, em que tenho me baseado em meu percurso como pesquisadora e em meu fazer docente.

4. Texto como sujeito: a concepção de enunciado concreto de Bakhtin

O ensaio *Os gêneros do discurso*, escrito da década de 1950 e divulgado apenas nos anos 70, é um campeão de circulação e recepção nos estudos do texto. Infelizmente, não se

pode dizer o mesmo de importantes escritos fundamentais para o esclarecimento do conceito de enunciado que subjaz àquele ensaio.

Um desses trabalhos, assinado por Medvedev, é *O método formal nos estudos literários*, que ganhou em 2012 sua primeira tradução para o português, feita a partir do original russo. Como ressaltai em minha tese (SILVA, 2010) a partir da leitura da tradução da obra de Medvedev para o inglês, o pensador dialoga com os formalistas russos e, mesmo reconhecendo os grandes méritos daquela escola, posiciona-se contrário ao uso que faziam do conceito de gênero. Para Medvedev, o grande equívoco dos formalistas era ver o gênero como o último construto da poética, como um depositário de textos previamente classificados. O autor sustenta que o gênero deveria ser o ponto de partida da Poética, e não seu ponto de chegada. Brait (2012), na apresentação da edição em português de *O método formal nos estudos literários*, lembra que a definição de Medvedev aponta para uma dupla orientação dos gêneros: para a vida e para o interior dos textos, que acontecem sempre em determinado lugar, em determinadas circunstâncias. Reduzir o gênero a uma fórmula matemática de tema + forma composicional + estilo é decapitar a concepção de texto que emerge das obras do Círculo de Bakhtin.

Outra questão apontada por Brait (2011) sobre as noções de texto e discurso que emergem da obra de Bakhtin é a necessidade de se levar em conta o significado de signo dentro da teoria dialógica. Para a autora, o signo em Bakhtin deve ser considerado como signo ideológico, conforme exposto por Volochinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929], 2004). O signo ideológico tem duas faces: uma, semântica, voltada para a significação, e outra, ideológica, voltada para a vida. O signo remete para algo fora de si mesmo e acaba por incorporar esse algo à sua essência.

A discussão sobre signo ideológico exige reflexões mais profundas, mas aqui meu objetivo é mostrar como o conceito de texto, presente em alguns escritos de Bakhtin, é correspondente ao de enunciado concreto, ou seja, a uma manifestação em que se instauram parceiros discursivos, de forma presencial ou não, que pode ser materializada em diferentes materialidades (verbais, visuais, sonoras, verbo-visuais sonoras etc.) e que tem como aspecto constitutivo não apenas as condições de sua produção, mas as condições de circulação e recepção que se estabelecem a cada novo evento discursivo.

Em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, que é um conjunto de anotações feitas por Bakhtin entre 1959 e 1961 (publicadas na

coletânea *Questões de Literatura e Estética*) encontramos pistas uma definição de texto nas seguintes anotações de Bakhtin:

O texto subentendido. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. Nisto reside a diferença essencial entre as nossas disciplinas (humanas) e naturais (sobre a natureza) [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 307).

Portanto, o texto dialógico não só leva em conta aspectos da vida, da cultura, das ideologias em que se forma e circula: tais aspectos são constitutivos desse texto.

Em minha tese e alguns artigos publicados, tenho defendido a análise de enunciados concretos na pluralidade de suas materialidades. Assim, por exemplo, mostrei (SILVA, 2009) como um texto verbal que acompanhou uma plástica sonora de Smetak na exposição *Smetak Imprevisto*, no MAM-SP, em 2008, forma um todo com o próprio objeto visual, com a reprodução do som desse objeto que podia ser ouvida no espaço expositivo, com a obra do autor considerada como um todo, balizado por seu posicionamento sócio-histórico e ideológico.

Nem sempre num trabalho com alunos ou em pesquisas acadêmicas interessa ao pesquisador desvelar todas essas forças que contribuem para construção dos sentidos. No entanto, o contato com todos os momentos que constituem o tema de um objeto estético permite a interação dialógica entre o pesquisador e seu outro. Amorim (2002), a respeito dessa interação, afirma que o pesquisador das ciências humanas lida com um outro que mora no país da alteridade, que lhe questiona, provoca e responde. Não é objeto, é sujeito.

Em seu percurso histórico, portanto, a Linguística textual reelabora a concepção de seu objeto texto. Grosso modo, esse objeto parte de um lugar em que era considerado apenas uma soma de frases e viaja em direção a uma concepção ampla, segundo a qual o texto é a própria interação dos interlocutores e tem como propriedade não a referência ao mundo, mas a referenciação a objetos de sentido que só existem como discurso.

Os estudos de Bakhtin e seu Círculo mostram a construção do conceito de enunciado concreto partindo justamente dessa concepção ampla de texto. As obras dos pensadores russos da década de 20, conhecidas como textos filosóficos, apontam para a

impossibilidade de dissociar-se materialidade linguística de um texto de questões inerentes ao lugar da cadeia discursiva em que esse texto se insere. Da mesma forma, as posições sociais, históricas e ideológicas de todas as vozes presentes nos enunciados concretos convergem para a construção de seu sentido.

O ponto de partida para um diálogo com um enunciado concreto, numa perspectiva bakhtiniana, é o entendimento dessa ampla rede discursiva constituinte do objeto. Já em diálogo com todos os discursos, porém, o pesquisador deve voltar-se à materialidade do enunciado e analisá-la em suas particularidades que lhe conferem sentido. Esse percurso de análise é indicado por Bakhtin (Volochinov) ([1929], 2004) e reconhecido por pesquisadores que trabalham com a análise dialógica, como Brait, que nos lembra que a familiaridade com a “página 124” de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é uma obrigação para os pesquisadores que lançam mão da teoria dialógica, e que essa obrigação já virou “piada entre os iniciados” (2006:49). No trecho citado por Brait, de fato, Bakhtin (Volochinov) enumera etapas de diálogo com enunciado concreto, embora não utilizem, ao menos na tradução para o português, esse termo:

[...] a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (2004, p. 124).

Portanto, a metodologia bakhtiniana não prevê que se aborde a língua apenas a partir de “subsídios teóricos de ordem macroanalítica” (MARCUSCHI, 2010, p.152), embora realmente forneça tais subsídios. A questão central da teoria dialógica é justamente essa ordem de diálogo com o outro, já que o exame das formas linguísticas “na sua interpretação habitual”, pelo percurso de análise proposto, já é modificado por tudo o que se depreende das condições concretas de realização do enunciado.

Hoje o conceito de texto da Linguística textual se aproxima do conceito de enunciado concreto, mas não é o conceito de enunciado concreto. Cada uma dessas noções

teóricas tem uma “história de vida” distinta, que parte de um ponto ímpar. Historicamente, a Linguística textual parte da materialidade para, depois de décadas, levar em conta as condições concretas de realização dos textos. A teoria bakhtiniana, já na década de 1920, postulava uma jornada em direção oposta e, partindo das condições concretas para a materialidade, nem por um segundo é capaz de considerar a materialidade sem as condições concretas. Não levar em conta essas diferenças é desprezar a tradição de cada teoria. Essas diferenças, porém, não impedem que a análise das formas da língua de um enunciado concreto se baseie em categorias propostas pela Linguística textual, mas já transformadas pelo olhar dialógico. Estando na mesma cidade, é bom que dialoguemos. Não é possível, no entanto, desprezar as diferentes jornadas dos conceitos de texto e enunciado concreto.

Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. *A linguística textual*. Introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, M. O problema no texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: ____ [1976/1979] *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes: 2003.
- BAKHTIN, M./MEDVEDEV, P. N. [1928] *The formal method in literary scholarship*. A critical introduction to sociological poetics. (Trad. Albert J. Wehrle). Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1991.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. [1929]. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi^{11ª}. Ed. São Paulo, Hucitec: 2004.
- BEAUGRANDE, R; DRESSLER, W. [1981] *Introduction to Text Linguistics*. New York: Longman, 5th. imp. , 1990.
- BENTES, A.C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F. BENTES, A.C. (orgs) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo, Cortez, 2001. P. 245-87.
- ____; RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In. BENTES, A.C. e LEITE, M. Q. (orgs.) *Linguística de texto e análise da conversação*. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.
- ____; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In SIGNORINI, I. (org.). *[Re]Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- ____; Leite (orgs.) *Linguística de texto e análise da conversação*. Panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.
- BENVENISTE, E. [1962] Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. (trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri). 2. ed. Campinas: Pontes, 1995, p. 127-140.

- _____. [1970] O aparelho formal da enunciação. In: _ _ _ . *Problemas de Linguística Geral II*. (trad. Eduardo Guimarães et al). Campinas: Pontes, 1989, p. 81-92.
- BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, Niterói, n. 20, p. 47 a 62, 1º semestre de 2006.
- _____. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre 2011.
- _____. Apresentação. In MEDVEDEV, P. N. *O método Formal nos estudos literários*. Trad. direta do russo de Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Volkova Americo. São Paulo: Contexto, 2012.p. 11-18.
- CÂMARA JR., J.M. [1975] *História da Linguística*. 6ª ed. São Paulo: Vozes, s/d.
- CHAROLLES, M.[1978] Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In GALVES, C.; ORLANDI, E.P.; OTONI, P. (orgs) *O texto: escrita e leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1988
- FÁVERO, E.; KOCH, I. V. *Linguística Textual: uma introdução*. 9ª edição. Cortez: São Paulo, 2008.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____; ELIAS, V. *Ler e escrever. Estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto: 2010.
- FÁVERO, E.; KOCH, I. *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARCUSCHI, L.A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.
- _____. Anáfora indireta. O barco textual e suas âncoras. In. Koch, Morato e Bentes. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto: 2005.
- _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Lucerna: Rio de Janeiro, 2007.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2010.
- SAUSSURE, F. (org. BALLY ; SECHEHAYE). *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SILVA, A.P.P.F. A arquitetônica das plásticas sonoras de Smetak. *Revista Intercâmbio*. São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. XX, p. 1-24, 2009.
- _____. *Retratos dialógicos da clínica: um olhar discursivo sobre relatórios de atendimento psicopedagógico*. (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: LAEL-PUCSP, 2010, 197f.
- _____. 0,5 mm: a nova edição brasileira de Problemas da poética de Dostoiévski. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.6, p. 7-23, 2º semestre 2011.

ⁱ **Adriana PUCCI PENTEADO DE FARIA E SILVA, Profa. Dra.**
 Universidade Federal da Bahia (UFBA)
 Departamento de Letras Vernáculas
 E-mail: adriana.pucci@ufba.br